Tese: ***Tese: Ousar Lutar, Ousar Vencer: Sindicato é Pra Lutar!*****, do coletivo CUTista ETCU**.

O processo de realização do XII Congresso dos Trabalhadores da Unicamp ocorre na rica conjuntura inaugurada pelas manifestações de ruas que varrem a quebrada Europa neoliberal, precedidas pela "Primavera árabe", pelo Ocuppy Wall Street (a partir dos EUA). Junte a esses, os movimentos contrários às medidas de austeridade na Inglaterra, em 2011, cujo estopim foi o assassinato do jovem negro Mark Duggan, pela polícia, lembremo-nos também dos protestos dos jovens na periferia de Paris, em 2006, sem deixar de registrar atos e protestos pela China, Rússia, México, Brasil etc. .

Da falência do neoliberalismo, aos limites do pós-neoliberalismo

Esses protestos que ocorrem no Brasil, tem natureza distinta dos que motivam, principalmente nos EUA e Europa, a sociedade ir às ruas. O Brasil e a América Latina, de um modo geral, capitaneiam um polo de contraposição à hegemonia neoliberal, obstaculizando os mecanismos e medidas práticas adotadas pelos governos de direita dirigidos pelo capital financeiro. A dependência financeira, tecnológica e comercial com os Estados Unidos, ainda que não desfeita, é muito menor que no período FHC. Em contraposição à ALCA, que foi enterrada, o Mercosul foi fortalecido, além de criadas novas relações na América Latina e Caribe, como a UNASUL (União das Nações Sul-Americanas) e a CELAC (Comunidade dos Estados Latino-Americanos e do Caribe)..

O caráter plural, caleidoscópico, difuso e, porque não dizer, confuso dos múltiplos protestos dentro dos protestos tem, sim, uma racionalidade, mesmo que disso não tenham consciência os milhões que foram às ruas.

O neoliberalismo jogou milhões e milhões de pessoas no mundo inteiro, nas ruas, contra sua racionalidade darwinista social. O pós-neoliberalismo que ajudamos a construir no Brasil nos últimos 10 anos incentivou parte significativa da massa de manifestantes a ir às ruas, primeiro pelo direito social ao transporte público decente, e depois para uma miríade de reivindicações. A mídia de direita interveio e logrou uma vitória: abriu as portas para um repúdio generalizado aos poderes da República: contra os governos nos três níveis, contra os parlamentos e contra o judiciário, este ainda que em menor escala; tudo isso em franca ameaça às nossas custosas conquistas democráticas. Disso nem mesmo escaparam a própria imprensa, empresas privadas, partidos à direita e à esquerda, movimentos sociais e sindicais históricos.

A direita tentou "udenizar" as manifestações. No máximo, conseguiram mais confundir do que esclarecer. As manifestações populares que ocorreram no Brasil são a expressão de décadas de lutas do povo brasileiro pela liberdade e pela inclusão social.

Os partidos de esquerda e os movimentos sociais custaram a reagir. Fato que se inicia

na defensiva, pela linha da autodefesa contra as agressões fascistas e depois se desdobra em ações comuns, com plataformas de reivindicações consolidadas.

Enfim, depois do primeiro espasmo dos protestos, otimizados pela repressão e pela Copa das Confederações, passaremos agora para a consolidação das pautas e pela disputa qualificada e respeitosa da hegemonia das mesmas.

Unificar a luta contra os monopólios é o nosso desafio

- ✓ Lutar contra o monopólio do dinheiro: isso significa conquistar a taxação das grandes fortunas, como ponto de partida;
- ✓ Lutar contra o monopólio da terra e a hegemonia do latifúndio: reforma agrária é condição para a soberania nacional;
- ✓ Lutar contra o monopólio do voto e do torniquete do financiamento privado da política: reforma política com participação popular, que aponte para a transparência e requalificação da atividade de governo e de legislar;
- ✓ Lutar contra o monopólio das comunicações: apontado para a renovação, em bases democráticas, das concessões em rádio difusão; o controle social (que não se confunde com controle de conteúdo) que fixe limites ao uso irresponsável da mídia; a democratização na distribuição das verbas públicas para os veículos em geral.